



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LÉA MARIA CHAVES LINHARES I

(depoimento)

2003

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-22

Entrevistado: Léa Maria Chaves Linhares

Nascimento: 19/01/1952

Local da entrevista: Residência da entrevistada – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Júlio César B. Perciúncula, Karine Dalsin e Leila Carneiro Mattos

Data da entrevista: 13/02/2003

Transcrição: Júlio César B. Perciúncula

Conferência Fidelidade: Johanna Coelho von Mühlen

Copidesque: Marco de Carvalho

Pesquisa: Johanna Coelho von Mühlen

Fitas: (02 fitas) 22/01-A, 22/01-B e 22/02-A

Total de gravação: 85 minutos

Páginas Digitadas: 32

Catálogo: Vera Maria SperangioRangel

Número de registro: 01703/2007/01

Nº da fita: 01703/2007/01 a e b

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

LINHARES, Léa Maria Chaves. *Léa Linhares I (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2007.

Sumário

Início no esporte; escolha pelo judô; apoio recebido durante a fase de atleta; exame de Faixa Preta; primeira mulher Faixa Preta; divulgação do judô na mídia; reconhecimento de sua faixa preta; mulher e esporte; Educação Física Escolar.

Porto Alegre, 13 de fevereiro de 2003. Entrevista com Léa Maria Chaves Linhares, a cargo dos pesquisadores Karine Dalsin, Leila Carneiro Mattos e Júlio César Bueno Perciúncula para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.P. – Então, Léa. Como que tu entrou no judô? Qual foi o incentivo que tu teve para entrar no judô? Vamos começar por aí.

L.L. – Incentivo na época que, foi em 1965, não. Não havia muito incentivo nesse sentido para mulher. Mas, num programa de televisão, eu vi uma artista fazendo judô, uma mulher e como eu sempre gostei de esporte, eu digo: “Ah, é esse aí”. Eu era menina, tinha treze anos, quando vi isso e no colégio apareceu um professor oferecendo curso de judô feminino, masculino. Então, eu resolvi praticar e comecei a praticar o judô. Isso aí foi em sessenta e cinco, mil novecentos e sessenta e cinco, lá no Colégio Irmão Pedro. Foi uma turma de dezoito meninas, na época. Eu acho que em torno de seis meses depois, ou até menos, só restou eu, porque aquilo vai estudo, vai deixando e eu coloquei na cabeça “vou em frente”. Era aquilo que eu queria e continuei praticando.

J.P. – Quanto tempo tu praticou?

L.L. – Cinco anos. De Sessenta e cinco à setenta.

J.P. – E essa prática, tu foi atleta?

L.L. – Fui. Me dediquei exclusivamente. Eu saía do colégio, eu praticamente... Depois comecei como aluna, praticando normalmente como aluna, três vezes por semana, depois pelo meu esforço o professor começou a exigir mais. Aí foi, comecei a praticar todos os dias até depois, já pela faixa verde por aí, comecei auxiliar ele nas aulas e fui me encaminhando como monitora, instrutora. Na faixa marrom já dava aula também e fui aprendendo a lidar com a... Já no lado assim de ensinamento, porque na época era o que permitia para mulher. Chegar ao máximo assim, não tinha competição como é agora.

J.P. – Nome dos principais professores que tu tiveste?

L.L. – Só tive... Foi um mesmo, que foi o Henrique Dias, José Henrique Dias¹ e o Graff² que me deu, me preparou por uns meses, até para eu fazer o exame de faixa preta, esse me auxiliou também por um, alguns meses.

J.P. – E os locais aonde tu praticaste?

L.L. – Ah, foi Sociedade Gondoleiros³, eu aprendi na sociedade Gondoleiros. Foi ali que ele começou essa turma. Depois fomos dando aula, foi no Colégio Concórdia, Colégio São João, no próprio Gondoleiros, Avenida Tênis Clube⁴, Taiara Judô Sauna Clube⁵ e estive em Alegrete⁶ também, dando aula no cartel uma vez. Esse já mais para o final, que eu me lembre os mais importantes são esses. Depois vendo aqui os recortes tem.

J.P. – Certo. E como que tu encaixava a pratica do judô na tua vida?

L.L. – Bom, como adolescente e menor, eu só estudava. Então de manhã eu estudava e a tarde ia para o Gondoleiros praticar, eu tinha disponibilidade que, na época, só estudava.

J.P. – E quanto ao significado do judô para ti, o que ele significava, como que tu encarava o judô?

L.L. – Na época, tudo. Como assim uma... Aquele ideal de atleta, um dia ser uma atleta, competir. Eu queria, foi muito difícil. Mas eu queria abrir um caminho que hoje tem, dos vários esportes, ditos masculinos. Mas é aquela ambição, aquela coisa de chegar a ter aquela faixa preta, já que estava sendo tão difícil o caminho a ser trilhado.

J.P. – Tu chegaste...

¹ Nome sujeito a confirmação

² João Graff

³ Sociedade Gondoleiros, fundada em 05 de Março de 1915.

⁴ Clube com sede em Santa Maria/RS.

⁵ Nome sujeito à confirmação.

⁶ Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

L.L. – Porque nunca tinha tido aqui no sul. Já no Rio⁷ tinha a família Gracie⁸, já tinha uma menina, mas aqui era muito difícil. O gaúcho é muito conservador, então foi bem difícil.

K.D. – Quais as perspectivas que tu tinha como uma atleta de judô gaúcha em competir? O teu sonho era esse?

L.L. – É.

K.D. – Era competir.

L.L. – É. Abrir caminho...

K.D. – E as perspectivas que tu tinha disso, para que se realizasse esse sonho mesmo?

L.L. – As perspectivas é lutar. Primeiro lutar por aquilo que eu queria, abrir o caminho assim, já que a coisa era tão difícil como realmente foi. Nunca foi reconhecido. Então eu queria chegar lá, ser alguém no esporte, já uma vez que... Mas a função primeira era realizar aquele sonho. Eu adorava o judô! Eu era praticar, praticar e primeiro de tudo eu queria ter o judô, o conhecimento do judô, tanto é que eu estudava tanto teoricamente como a prática mesmo. Eu sabia a teoria, tudo. Claro, agora estou esquecida [riso]. Mas sabia tudo, o que caísse nas mãos eu já era aficionada.

J.P. – O que era o judô pra ti?

L.L. – Era tudo!

J.P. – Em que sentido?

L.L. – Era como... Sentido por causa que a... Como jovem, como adolescente, eu estudava para ter uma profissão e depois seguir ali, tirar uma Educação Física e

⁷ Rio de Janeiro, cidade Brasileira

⁸ Família de lutadores

continuar com o meu judô, dando aula e seguir em frente. Aquela meta do profissionalismo até, no caso.

J.P. – Então, o teu conceito de judô seria... Eu falo assim, porque judô...

L.L. – Na época?

J.P. – É. A minha pergunta se refere a questão do judô enquanto esporte ou arte marcial ou... O que ele era para ti?

L.L. – Esporte. Antes de tudo esporte.

J.P. – E, nessa época, como é estava estruturado o esporte aqui em Porto Alegre⁹, no Rio Grande do Sul de uma maneira geral? Como é que tu via essa estruturação?

L.L. – Olha, para mim, o meu conceito da estruturação até que funcionava, a gente tinha a Federação de Judô que primeiro era de pugilismo, depois, mais no final, ela se desmembrou, ficou Federação de Judô, filiada a CBD¹⁰. E tinha uma boa estruturação, tinha o presidente que se empenhava bastante, a coisa funcionava, era bem... Tinha os campeonatos bem organizados.

K.D. – Eu queria saber da federação, o apoio que ela dava para o judô feminino.

L.L. – Apoio, eu tinha muito apoio do Ricardo Gaston¹¹ que era, depois se tornou presidente da Federação de Judô. Esse me deu bastante apoio, inclusive até depois que eu saí do esporte, tudo, anos depois ele me ligou e disse “Olha, Léa, tá surgindo uma oportunidade, junta teu material para mandar para CBD, para regularizar a tua faixa”. Eu já estava trabalhando e tudo, então eu disse “Ah não, larguei. Não me interessa mais”. Mas eu tinha dele, eu tinha até bastante apoio. Agora o meio do judô era difícil a penetração, era muito, tinha muita barreira, como é que eu vou dizer, muita restrição, em função dos próprios colegas. Os homens mais... Os professores e tudo.

⁹ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁰ Confederação Brasileira de Desportos.

K.D. – Tu sentia isso?

L.L. – Sentia isso. Sentia sim, porque aquela coisa assim, a mulher não é... Que nem dirigir até hoje, mulher é barbeira, mulher é... [riso]. É como se fosse isso aí. Te dão, mas sempre olhando, porque era uma coisa nova. A mulher...

K.D. – Teve algum fato que tu achou mais marcante que tu tenha sentido realmente que... Essa restrição?

L.L. – Olha, uma das coisas que me marcou bastante foi na época quando eu fiz o exame de faixa preta. Isso aí até já tinha te mencionado. Que eu fiz o exame e exigiram assim, os golpes, normalmente chamam são projeções. Então eu procurei detalhar bem direitinho, explicar, dizer direitinho. E houve uma projeção lá, um fato que me pediram: “Ta, mas como é que tu... Como é que faz assim”. Aí eu tive que repetir umas três, quatro vezes, eu até dei um sorriso e fui descontada por causa desse sorrisinho, me descontaram dois décimos e aí eu não consegui o primeiro lugar no exame para... E foi dado a um homem. Aí eu digo “mas porque? O que quê eu errei?”. “Ah, tu sorriu no tatame e é um lugar sagrado, não pode”. Eu digo “Ah, desculpe, ta”. Mas aí eu não tirei o primeiro lugar. Porque eu ia tirar o primeiro lugar. Foi um coisa que na época me marcou, que eu vi, puxa vida. Se é um homem que dá um sorriso... [riso]. Eu achei na época, que seria uma coisa assim.

K.D. – Qual a tua idade, nessa época?

L.L. – Eu tinha... Sessenta e cinco, eu tinha, foi de treze a uns dezenove anos. Aos dezenove eu já estava mais saindo, eu já estava trabalhando numa firma, serviço burocrático. Foi mais assim, dos treze aos dezoito anos.

K.D. – Tu praticaste mais...

L.L. – É. Entre... Nesse período. Quando comecei a trabalhar e também procurei estudar, aí saí fora. Não deu tempo.

¹¹ Ricardo Rodrigues Gaston.

J.P. – Com relação a esse fato da tua promoção a faixa preta, como é que se deu? Em que clube tu estavas na época praticando, quando da promoção?

L.L. – Na Sociedade Gondoleiros. Porque a maior parte, acredito que foi.

J.P. – Como é que foi o preparo para o exame?

L.L. – Ah! Foi bem puxado. Eu praticava, era bem exigido. Esse professor Henrique Dias era muito rigoroso. Ele falou com o professor João Graff, se eu não me engano, ali na Independência¹² e aí ele falou com o João Graff. O João Graff me deu algumas aulas, não me lembro de quanto tempo assim, mas foi alguns, até posso te dizer uns dois meses, três meses, não sei bem. Mas então ele ia lá e me ensinava, aula dedicada só para mim e para aprender assim, técnico de futebol cada professor tem o seu, cada treinador tem o seu estilo. Tite¹³ vamos dizer, o do São Paulo¹⁴ lá, o Parreira¹⁵, totalmente diferente. Então, as várias técnicas e, é isso, que eu fiz no exame. No final eu disse: “Bom, conforme o professor assim, conforme o...” [riso]. Fui dando as projeções, explicando. Foi bem preparado

J.P. – Quem avaliou o exame? Era uma banca?

L.L. – Era uma banca.

J.P. – Lembra de alguns que participaram dessa banca?

L.L. – Eu não me lembro do nome. Mas, se eu não me engano, tinha o professor Oswaldo¹⁶. Para dizer a verdade, não me lembro bem. Mas tem, só um pouquinho, uma foto aqui. Aqui para trás, tem uma parte da... Eu estava olhando ontem, nem eu me lembrava dessas coisas aqui [entrevistada mostra fotografia]. Aonde fala negócio de... Vamos parar um pouquinho. Aqui, não sei se... Desculpe... Se tu reconhece?

¹² Avenida Independência.

¹³ Adenor Leonardo Bachi, Técnico de futebol.

¹⁴ São Paulo Futebol Clube, fundado em 1930.

¹⁵ Carlos Alberto Parreira

K.D. - Fique a vontade.

J.P. – Deve ser o Oswaldo Monteiro dos Santos.

L.L. – Oswaldo Monteiro dos Santos, tu acha? Não, mas não é. Esse aqui que eu nem me lembrava quem é. Se eu não me engano, esse é o Paulo Brod, é de Pelotas¹⁷. Eu não me lembro!

J.P. – Na foto aqui esses três são da banca?

L.L. – A comissão: Newton Cardoso de Souza, diretor técnico da Federação, Delamar Teixeira da Silva e Paulo Brod. Paulo Brod era de Pelotas. Ele... Então, era um da Federação, quer dizer, na verdade todos filiados a Federação. Na época, pode ver, ainda era o pugilismo.

J.P. – E o que tu sentiu no momento que tu estava sendo promovida?

L.L. – Ah! Foi a maior emoção da minha vida na época. Puxa, aquilo assim, “consegui, mostrei... Está aqui ó a faixa preta”.

J.P. – Como é que foi esse dia?

L.L. – Esse dia foi um dia de festa, uma formatura mesmo.

J.P. – Onde foi essa promoção?

L.L. – Na academia do professor Loanzi¹⁸, do falecido.

J.P. – Rui Barbosa.

¹⁶ Nome sujeito a confirmação

¹⁷ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁸ Aloízio Nogueira Bandeira de Melo

L.L. – É ali na Riachuelo com Caldas Júnior¹⁹. Era conhecidíssima na época, era o mestre do judô, o precursor, eu acho, em Porto Alegre, o professor Loanzi. Então, ele era a palavra máxima, praticamente ele que comandava, geria a coisa, dirigia tudo. Qualquer coisa: “Ah, o professor Loanzi”. Pode ver até pelo espaço, é enorme a academia. E vários desses professores que tem assim da... Foi tudo, se formava lá. Era assim... Veio tudo de lá, praticamente. “O professor teve passagem no Loanzi”. Eu também até tive, foi meio assim um pouco no professor Loanzi.

J.P. – Esse dia! Tu acordou e tu ia fazer a promoção de faixa provavelmente a noite, eu não sei.

L.L. – Não, foi durante o dia e acho que de manhã.

J.P. – Pois é fala mais sobre o... [riso].

L.L. – Eu me recordo até pouco assim sabe, não do dia. Eu me lembro fazendo o exame. Esse eu me lembro. E, até por estar fazendo o exame, tinha várias e várias pessoas, a academia tava lotada, foi uma formatura. Foi muito legal!

J.P. – A academia lotou por ocasião do teu exame?

L.L. – Eu não sei se por ocasião do meu exame, mas que tinha um monte de gente tinha. Tinha outros fazendo.

J.P. – E como é que foi logo após da tua promoção? Mudou alguma coisa? Tu continuou a prática? Como é que foi?

L.L. – Não, aí eu continuei dando algumas aulas. Depois eu me lembro que eu não fiquei muito tempo mais. Continuei dando aula. Aonde eu dava, se eu não me engano, era São João²⁰. E depois, em seguida, eu comecei a trabalhar e fui largando. Não

¹⁹ Ruas do Centro de Porto Alegre

²⁰ Nome sujeito a confirmação

conciliava mais porque que durante o dia tinha e sair do serviço, ir dar aula, era cansativo.

J.P. – Sobre os primórdios, o que tu lembra em relação aos pioneiros do judô, atletas que tinham na época, sobre as competições que havia?

L.L. – Olha, eu me lembro... Competições. Como eu não competia, eu preparava alunos. Até tive um aluno que foi campeão brasileiro e, como é que eu vou dizer, os precursores era o professor Loanzi, mais ou menos, a nata do judô saía dali. A equipe dele geralmente ganhava bastante, a maioria dos campeonatos e tinha algum aluno que se destacava, mas acredito que os precursores mais conhecidos mesmos, acho que até são esses que tu já falou, que tu conhece, que era daquela turma que eu conheci.

J.P. – Com quem tu costuma... Todo o judoca tem o seu ídolo. Procura se espelhar em algum outro judoca, tu lembra de algum?

L.L. – Não. Não. Sabe o que me atraía muito e sempre me atraiu foi o lado espiritual da coisa. Essa coisa que hoje é muito difundido, lado Zen. Tu tem que ter essa mística oriental. Eu acho que é por isso que eu me interessei no judô também na época, porque eu gosto da... E já pelo tipo de personalidade que eu tenho. Sou séria, mais perfeccionista, então eu sou aquela coisa certinha. Pego o lado místico da coisa, por isso também que eu tinha literatura. Tudo que era judô eu pesquisava, eu ia a fundo, mais lá naquela coisa do lado Zen. Mas em termos de atleta, não. Eu não me lembro de ter tido alguém a quem me espelhar. Eu fui mais é para esse lado intelectual, da mística, toda aquela filosofia oriental. Isso que até hoje eu gosto muito e está muito difundido até, a espiritualidade do judô.

J.P. – E como tu poderia nos descrever essa espiritualidade do judô, assim de uma forma bem rápida?

L.L. – Ah, eu sempre procurei transmitir também aos meus alunos aquilo assim: “Vocês estão praticando um esporte dito violento porque... Mas é aquela coisa que amacia, que não é nada de violência. Não pode praticar fora, não...”.

Mãe de Léa – Quer Léa?

L.L. – Não, mãe. “Tu tem que usar para o teu benefício, nada assim daquela... Tu impor a tua... Porque eu sou o bom! Eu sou o maior!”. Então eu sempre procurei nesse sentido do esporte aquela coisa assim, a humildade. Antes de tudo a humildade, aprender a ser humilde naquilo que tu conhece. Não ter aquela arrogância, aquela coisa, vou sair batendo, fazendo, nada disso.

J.P. – Bom, eu estou tentando descrever Léa Linhares. Técnicas preferidas que tu utilizava?

L.L. – Ah, eu tinha uma projeção que eu gostava muito, que era o *Ippon*²¹ e agora, para te dizer o nome, eu nem me lembro mais, era outra que eu esticava a perna assim e trazia o cara por cima [riso].

K.D. – *Sassae*²²?

J.P. – *Harai Goshi*²³?

L.L. – Não é aquela que põe, tu trás o cara do lado aqui assim.

J.P. – *Tai otoshi*²⁴?

L.L. – A não me lembro... [risos] Os nomes, agora não me lembro. [Os entrevistadores levantam-se para que Léa demonstre a técnica na prática]. Tu pega ele aqui...

J.P. – Tu varre perna?

L.L. – Isso! Tu pega ele aqui, entra aqui assim, trás aqui assim [entrevistada demonstra o golpe].

²¹ Ponto completo

²² “Debruçar, apoiar”

²³ “Varrer os quadris”, técnica em que se aplica um golpe aos quadris

²⁴ “Jogada de corpo”, técnica de golpes de mão

J.P. – Harai Goshi.

L.L. – Essa eu adorava. Era fácil fazer isso aí [riso].

J.P. – Harai Goshi [riso].

K.D. – Eu queria te perguntar, sobre o apoio que tu tinhas dos teus pais, quando começou a fazer judô e como tu decidiu a fazer judô?

L.L. – E até por ser menor de treze anos, se bem que isso era uma coisa que eu desde pequena sempre gostei. Eu disse... Eu não fui criada com pai e disse para mãe: “Mãe! Eu vou aprender judô”. “Ta, minha filha se é o que tu quer”. E fui. Eu digo: “Mãe, no colégio tem um professor assim, não vai cobrar nada, vai...”. Que na época não tinha condições financeiras e clube. Esporte era caríssimo na época, não era assim como para população em si, como hoje é facilitado. E eu digo: “Mãe vou praticar judô.” Ela disse: “Tá, acho que tu sempre quis, então vai.” E aí eu fui. Total apoio por parte da minha mãe.

K.D. – Quando tu começaste a se dedicar mais ao judô, a treinar mais...

L.L. – Também.

K.D. – Fazer teus exames de faixa, ela continuou te apoiando?

L.L. – Também. Era motivo de orgulho, tudo. Até hoje esse material todo devo a ela. Ela ter guardado e incentivado a fazer. E até hoje ela me ajudou a procurar: “Aí, tem isso, tem aquilo”.

K.D. – Teus amigos também?

L.L. – Também.

K.D. – Colegas de escola.

L.L. – Também, achavam muito legal, muito bacana. Sempre teve na época apoio até por ser difícil, uma coisa diferente. Não, o pessoal não conheceu uma menina no judô.

K.D. – O judô hoje ele é, por algumas pessoas, visto como um pouco elitizado, justamente por esta questão de clube e o material que se usa para praticar judô também não é muito barato.

L.L. – É, porque requer espaço. É uma coisa assim, que não é como o futebol, tu pega a bola e sai jogando, até pelo espaço. Tu tem que ter uma infra-estrutura para praticar. E na época também era pior ainda, porque hoje assim, uma academia de musculação tu, de repente no ladinho lá, tu já tem, eles já prevêem isso. Taekwondo, tem as suas derivações, jiu-jitsu, taekwondo, até em judô não se fala muito mesmo. Eu estou notando na televisão, não é muito televisionado. Eu acho até que na época falavam mais em judô. Não acha?

J.P. – Acho que sim.

L.L. – Eu acho que na época até falavam, anos anteriores, eu acho que falavam mais em judô. Nas olimpíadas, pouco se vê, porque os nossos atletas... Uma das poucas medalhas que o Brasil ganha, assim, bastante é no judô. Então, aí existe uma divulgação porque... Eu acredito, se não, não haveria uma divulgação grande. Eu acho que deveria ser dado a oportunidade, como sempre, a todos os esportes, que nem o futebol, todos os esportes, porque a ginástica sofre isso. Tu vê a Hipólito²⁵ querendo patrocínio, tudo. Seria uma Léa da época, a Hipólito. É difícil, é uma coisa que parece que é desacreditada. Acreditam, mas não dão apoio, entende? Acreditam na tua capacidade, que tu vai, tu chega. A menina está lutando, quase deixou de competir porque não tinha apoio. E na época era a mesma. Achavam tudo bacana, mas eu não tinha condições também. Eu fui muito pobre. Até quando comecei, eu estudei em colégio. Naquela época, colégio particular era rico. Então estudei em colégio público. E, em sessenta e cinco, quando esse professor foi... O irmão Pedro ofereceu essas bolsas, eu digo: “ah, é a minha oportunidade” e aí eu fui. Porque pagar, de maneira nenhuma, já era elitizado na época,

²⁵ Danielle Hipólito, atleta de ginástica olímpica.

clube então. A classe média não tinha acesso no clube, piscina. Hoje não, hoje qualquer casa tem piscina [riso].

J.P. – Sobre essa questão da escola, eu acho que a Karine tem uma pergunta em relação a Educação Física, não é?

K.D. – É a Educação Física Escolar, tu estudavas numa escola pública?

L.L. – Isto.

K.D. – E tu teve, uma das poucas que tiveram essa oportunidade de ter o judô como mais um...

L.L. – Uma opção.

K.D. – Uma opção, mas dentro do currículo mesmo da Educação Física...

L.L. – Não, não, não.

K.D. – Como era trabalhado o conteúdo?

L.L. – Não. O conteúdo era aquele assim, era a bola. Bola e aulas de ginástica mesmo.

K.D. – Ginástica?

L.L. – É, era ginástica assim, fazer um exercício, um alongamento que seria hoje, faz aquele, baixa ali tudo, um pouquinho de ginástica e a recreação de bola. Essa era a Educação Física de... Era o nilcon, o vôlei, hoje tem até handebol, que a minha guria adora handebol, mas na época não tinha handebol. Eu me lembro que era vôlei e o nilcon. Eu pratiquei muito nilcon no primário. Depois no ginásio, no secretariado foi...

K.D. – Alguma restrição a meninos e meninas nas aulas? Jogavam sempre juntos?

L.L. – Era sempre... Não, era separado.

K.D. – Separado?

L.L. – Separado.

K.D. – E era diferente o conteúdo trabalhado pra meninos e pra meninas? Ou era a mesma coisa?

L.L. – Eu acho que era parecido. Só que eu acho que os meninos eram mais puxados, aí tinha assim: teste de velocidade até também, agora eu me lembro, que de vez enquanto a gente fazia umas corridinhas. A escola não tinha uma infra-estrutura para Educação Física.

[FINAL DA FITA 22/01-A]

L.L. – Embora fosse misto, todas as escolas, eu estudei no Rio Branco²⁶ que era misto, estudei no Irmão Pedro que era misto, as aulas mistas, mas na hora da Educação física era diferente. Hoje eu vejo é tudo junto. É junto? Vocês jogam futebol juntos?

K. D. – Às vezes a gente joga.

L.L. – É, mas fazem. Então, era assim: “bem, menino para lá e menina para cá”. Isso era bem demarcado.

J.P. – E nas aulas de judô essa demarcação também existia?

L.L. – Não. A gente praticava todo mundo junto e ali não tinha homem ou mulher era... A gente dizia: “tem que bater. Vai, vai, vai em frente, vai em cima, vai, não, não tem...” E os meninos que praticavam comigo, até tinham, às vezes, aquela coisa “ah, vou...” e o professor brigava e: “não tem que... Esquece que ela é uma mulher. Vai, vai, bate, dá em

²⁶ Escola Estadual Rio Branco.

cima, ela tem que se virar”. Não tinha assim com ele, com esse professor que foi o que eu mais pratiquei. Mas era tudo junto. No tatame era tudo igual.

J.P. – E tu costumava treinar, tinha meninas também?

L.L. – Tinha. No início tinha.

K.D. – Percebeu alguma diferença no teu corpo, no desenvolvimento da tua musculatura?

L.L. – Nada. Não, na...

K.D. – Quando tu começaste o Judô...

L.L. – Não. A diferença é que tu, claro, tu fica sarada [riso]. Não existia... Mas assim, tu ficar mais masculinizada, nada. Mas era só ficar tudo durinho, tudo certinho. Até esses tempos eu tive um problema na perna, no joelho e fui aqui na traumatologia, o médico disse assim: “Ah, sorte que tu tem uma musculatura muito boa”. Quer dizer, tudo em função... Também depois eu nunca deixei de... Embora tenha parado no judô, eu trabalhava, mas fazia uma ginástica. Eu fazia na época, não era malhar, era sempre para... Sempre fiz alguma coisa de... Depois hidrogenástica. Na medida que a gente vai ficando mais velha a gente vai procurando outras alternativas [riso] que já não é... Então eu tenho problema no joelho, não posso forçar muito. Ele recomenda assim, fazer exercícios que eu não force o joelho, a cartilagem do joelho. É hidroterapia essas coisas assim, mais *light*. Caminho, nunca fiquei totalmente ociosa. Eu posso passar um período, mas, totalmente sem fazer nada, até porque eu gosto de esporte, de estar me mexendo. Eu não sou uma pessoa ‘atiradona’, que: “Ah, não vou fazer”. Eu gosto. Ta, atualmente não estou fazendo nada, mas faço a minha caminhada, meus quilômetros, dá em torno de seis, sete quilômetros por dia, na caminhada. Isso é uma questão de saúde também.

J.P. – Judô hoje para ti é a tua vida, ele representa alguma coisa?

L.L. – Não. Nada. Foi uma coisa, uma etapa da minha vida que eu bloqueei e eu digo: “Bom, agora vou seguir em frente”. Larguei tudo mesmo. Leio notícia do judô no jornal ou vejo alguma competição quando tem alguma competição importante, mas não é aquela coisa aficionada que era. O geral assim.

J.P. – Bom, bloqueaste também aquela questão da parte filosófica?

L.L. – Não, isso a gente sempre trás, aquilo fica embutido em ti. Aquele conhecimento. Como todo o conhecimento que tu adquire, aquilo tu vai, vamos dizer, aprimorando, tu vai levando ao longo da tua vida, vai amadurecendo e tu vai levando aquele teu conhecimento. Esses contra pontos que tu tem na adolescência, tudo tu vai levando o teu conhecimento e tentando até passar para os teus filhos.

J.P. – Esse ponto é o que ficou, desse discurso do judô, dessa filosofia. É o que tu procura passar, no teu comportamento... Hoje, aonde é que tu identifica uma interferência do judô?

L.L. – O que ficou é, como eu já te disse, essa filosofia. E essa filosofia fica... Tu, ao longo do tempo, vai te aprimorando, vai amadurecendo, então fica aquela parte a espiritual. Ficou isso. A parte prática eu não penso, nunca precisei usar, não utilizei e como todo mundo, às vezes: “A Léa é calma, a Léa...”. Até para o lado parado, paradona.

J.P. – Atribuiu ao judô essa calma?

L.L. – Eu acho que até atribuíam mais na época. Mas assim a...

J.P. – No teu caso?

L.L. – No meu caso... Eu acho que, se eu fosse pensar, eu agora estou pensando, eu nunca tinha pensado nisso. Como tu me perguntou, agora que eu paro e penso, eu acho que é um resto ainda. Aquela coisa assim da... Não da meditação, mas quando tu vai fazer alguma coisa, algum empreendimento. Primeiro tu pára e pensa, depois tu vai agir.

Então, primeiro eu paro, penso e vou agir. “É isso que eu quero? Tá. Então, eu vou em frente”. Eu acho que é por causa... Que fez parte da minha formação quando eu era adolescente, treze anos. Isso aí lá no fundo vem, é parte.

J.P. – E tu ficaste muitos anos - depois que tu disseste que bloqueou - tu ficaste muitos anos afastada...

L.L. – Para sempre.

J.P. – Para sempre? Mas essa decisão, esse afastamento total, teve alguma mágoa que te levou a se afastar dessa forma?

L.L. – No fundo tem.

J.P. – O que seria?

L.L. – Na época, eu fui taxada até de ‘machorra’, embora o professor Aveline²⁷ dizer assim: “uma menina meiga, um metro e meio, carinhosa...”. Então ele fazia essa ênfase, até pra desmistificar o lado masculino do esporte e depois o meu professor era uma pessoa muito controversa, muito signo de escorpião, muito explosivo. Ele queria as coisas, não tinha assim, como é que eu vou te dizer, tato para... E, com o tempo, eu cresci e fui vendo que aquilo... Ele não tinha era tato para chegar nas coisas quando ele queria, assim, política. Era botar e quebrar, então ele, em parte, conduziu a coisa até errada para mim. Se fosse feito outra coisa, mais politicamente, talvez eu tivesse conseguido mais coisas. Como eu era discípula dele, havia, como em todo o esporte, as cúpulas, aqueles que não gostavam dele, então praticamente: “Ah, não vamos dar força para ela”. Aquela coisa de política de federação que tem em todo o esporte. Isso a gente vê em futebol e tudo, aquela coisa toda. Então, eu acho que se houvesse mais uma didática para conduzir, porque na época como primeira mulher faixa preta no Sul do Brasil... Se fosse dirigido... Talvez eu acho que é essa a minha mágoa, fosse dirigido diferente. Claro, hoje eu estou adulta, estou mais velha, tudo, então, eu vejo a coisa

²⁷ Jorge Aveline

como um outro ângulo, mas, na época de adolescente... Não um adulto que está vendo a coisa. Então estou bem encaminhada.

J.P. – Sobre a Federação, a tua faixa não foi registrada na Federação?

L.L. – Não.

J.P. – Faixa preta? Foi a Federação que não reconheceu ou tu...

L.L. – Não. A Federação até reconheceu. A Confederação na época que não reconheceu.

J.P. – Tu chegou a fazer o registro na Federação?

L.L. – Tentei, mandei tudo e voltou tudo. Não, não foi aceito.

J.P. – A Confederação não reconheceu...

L.L. – A Confederação Brasileira de Desportos, CBD, na época.

J.P. – O que eles alegaram?

L.L. – Olha, nesse trâmite mesmo aí, eu nem sei. Quem ficou por dentro mesmo foi o Ricardo Gaston. Que na época nem sei, não me lembro. Para te dizer a verdade, não sei o que foi alegado. Que não foi reconhecido.

J.P. – Tu chegaste ter um número de registro na Federação ou uma carteira da Federação, ou um diploma de faixa preta?

L.L. – Tenho diploma da Federação. Diploma de faixa preta, tenho carteira, carteirinha até está ali dentro a carteirinha. Não, ali dentro, dentro da caixa. Nessas coisas aí [a entrevistada mostra os objetos dentro da caixa].

K.D. – Essas?

L.L. – É. Faixa preta, primeiro dan. Faixa verde...

K.D. – Sabe de outras mulheres que fossem faixa preta naquela época no Brasil?

L.L. – Não. Tinha essa família Gracie que diz que tinha mulher, mas eu não me recordo. Parece que tinha no Rio²⁸...

K.D. – Realiza... Sabe de competições a nível nacional?

L.L. – Não, não, não.

K.D. – Que fossem realizadas para mulher?

L.L. – Não, não tinha nada de competição a nível nacional, nem internacional. Não me lembro. Não tinha nada não.

J.P. – Estou percebendo aqui que a tua carteira de faixa preta é da federação de pugilismo.

L.L. – Isto.

J.P. – Que não tinha...

L.L. – Que era na época. Não tinha de judô.

J.P. – Mas quando surgiu a Federação Gaúcha de Judô?

L.L. – Não, eu não tenho nada de judô. Eu acho que...

J.P. – Não foi é...

²⁸ Rio de Janeiro, Estado Brasileiro

L.L. – Até já tinha saído ou estava saindo do esporte. Eu nem me lembro a época que saiu a Federação Gaúcha de Judô.

J.P. – Em setenta.

L.L. – Eu estava saindo.

J.P. – Nunca tentaste o teu registro na Federação?

L.L. – Não, não.

K.D. – Eu acho uma questão interessante a proibição... Lembra do decreto lei em mil novecentos e quarenta e um, que restringia as práticas para mulheres de esporte e as lutas não eram...

L.L. – Principalmente reconhecidas.

K.D. – Não eram... Eram ditas proibidas entre aspas. Junto com o halterofilismo, *beisebol*, futebol e outras assim. Como repercutiu? Tu te lembra como repercutia na sociedade essa restrição?

L.M. – E aí eu te pergunto também, aqui pelas reportagens que eu estou olhando, tu fala muito em criar um clube, não é?

L.L. – Uma academia.

L.M. – Uma academia só para mulheres. Isso também te influenciava?

L.L. – Se influenciava, porque era difícil tu - dentro até da própria academia - porque tu dividia na, tu entrava num ambiente masculino. Até o lugar para tu trocar a roupa, quer dizer, não tinha aquele vestiário feminino, vestiário masculino. Então, entrava os meninos trocava a roupa, depois eu entrava e trocava a roupa. Não é criar um ambiente que tu te sentisse bem, que tu se sentisse... Não se sentisse “tu está me cuidando”. O

próprio judô já... Tu botava o quimono e uma blusinha por baixo para não aparecer o seio, tinha que estar cuidando. O próprio toque no judô, tu ia praticar com homem e ficava, meio que tu vira, é de contato de corpo. Eu queria a intenção, mas isso é tudo sonho de adolescente, aquela: “Ah, fazer a academia”. Para mulher se sentir em casa, era por isso, porque realmente era o que eu sentia, eu estava num meio... Única mulher praticando, quer dizer, começou uma turma de dezoito meninas, foram deixando em função disso. E vendo tá, não tem nada a ver, mas como eu gostava daquilo. Então eu digo: “Ah, criar uma coisa para me sentir melhor”. O inconsciente é que estava funcionando aí mais. E agora sobre essa lei, até não, na época eu nem sabia que tinha, mas isso aí era tudo, como a constituição era machista. Agora tu vê, no século... [riso] no nosso século agora, tão querendo mudar esse conceito, quer dizer, quantos e quantos anos já se passaram. São trinta e poucos anos daquela época que eu pratiquei e agora estão mudando a coisa e a mulher mesmo, porque foi depois dos anos sessenta é que a mulher procurou a sua independência, procurou o seu lugar, ter o seu espaço. Foi mais depois da pílula²⁹, do WoodStock³⁰, aquela época toda. Tudo isso e eu fui dessa geração, que eu estou no meio, essa geração que vem. Então, é uma geração que sofrida, sofreu esses preconceitos. Eu vejo hoje, a minha cabeça era para ter nascido agora, porque eu digo: “ah, como é tudo fácil”. Eu vejo pela educação até da minha filha, embora eu tenha tido da minha mãe, como eu te disse. Eu como não tenho pai, uma grande amiga... Na época a educação que ela me deu que, eu dizia para as minhas colegas, eu conversava em sexo, eu conversava sobre tudo. Ela dizia assim: “Se vocês quiserem...” - na época a droga era o cigarro - “quiserem fumar, o problema é de vocês, eu não tenho dinheiro para sustentar o vício, mas vocês podem fumar, não tem. Só vão arcar com sexo, se vocês quiserem...” - na época não é transar, nem sei como é que diziam, mas [riso] foi assim - “se entregar, vocês tem que arcar com as conseqüências”. Então, eu tive essa educação mais de diálogo com a mãe. Nunca fumei, nunca experimentei droga nenhuma, de jeito nenhum, é uma coisa riscada do baralho. Até o meu cunhado diz: “Ah, tu é muito certinha”. Sempre fui assim dedicada a família, até pela condição social. Já comecei a trabalhar cedo para ajudar nas despesas de casa e, como eu não tinha nada, eu já... Vou trabalhar, batalhar para ter a minha casinha, meu

²⁹ Referindo-se a invenção da pílula anticoncepcional, considerada um marco na independência feminina.

³⁰ Festival de música realizado em Nova York, Estados Unidos, entre os dias 15 de agosto e 18 de agosto de 1969. Exemplificou a era hippie e a contracultura do fim de 1960 e começo de 70.

apartamento. Meu sonho era ter o meu apartamento, aí comprei. Depois que tu compra tu deslança, aí tu vai. Graças a Deus consegui. Tem muita gente que até hoje não conseguiu, infelizmente, sua casa própria. E, então, era tudo muito difícil na época, era mais difícil. Hoje em dia, até em financiamento, essas coisas tudo é mais facilitado. Mas era muito difícil, para mulher as coisas eram difíceis, a sociedade era muito machista. A gente, às vezes, contando assim, a minha guria mesmo: “Mãe, não acredito que...”. Eu digo: “Era assim, filha”. A educação aquela de... Tu deve fazer parte ainda, “agora sai da sala porque a conversa é de adulto”. Então, isso aí é muito sofrido, porque a minha irmã, a minha mãe foi... Me criou como empregada doméstica. Eu Graças a Deus! Fui criada numa casa que eles me tinham como filha. Mas chegava nessas horas: “Ta, minha filha, agora tu vai brincar no teu quarto porque a conversa é de adulto”. Então eu venho dessa geração, dessa transição, é uma transição.

K.D. – Mas, então, se a tua filha quiser fazer judô hoje, não tem problema?

L.L. – Não tem problema, mas eu reluto [riso]. Ela me pede e eu reluto: “mas quem sabe... Mas tu não quer futebol filha?”. [riso] Ela já praticou futebol, entrou na escolinha duas vezes. Agora eu até disse assim: “agora tu entra! Mas se eu ouvir queixa, chega!”. [riso] O que ela tem de currículo na traumatologia é porque agora ela está com os dois braços ali e eu tenho que jogar junto. É, pior que eu tenho que jogar junto. Então, eu acompanho porque eu gosto, o meu estilo é assim. Eu só digo: “eu gostaria de ter nascido mais para cá, [riso] é muito mais fácil”.

J.P. – Porque tu reluta se ela quiser praticar judô?

L.L. – Isso só o psicólogo dizendo [riso]. Mas, no fundo, eu acredito que é isso. É que a coisa foi tão difícil para mim, essas coisas tão preconceituosas, que eu era amante desse ou daquele. O meu marido mesmo quando me conheceu, ele nunca tinha me dito que ele tinha um amigo que tinha praticado no professor Loanzi comigo. Ele já me conhecia de nome. Depois um certo tempo, ele disse: “não, eu já sabia, já te conhecia de nome, já sei algumas histórias”. Eu digo: “Mas que história?”. Era: “Não, porque era amante desse” ou era ‘machorra’ ou... Esse tipo de preconceito, que até hoje tu quer atacar um homem o que tu diz: “O cara é bixa!”, quer atacar uma mulher: “Ah, é lésbica, é machorra”.

Quer dizer, tu vai o que, no lado sexo. Então, no fundo fica aquela coisa assim, mas é como eu digo, eu tenho consciência disso, não é... Mas um psicólogo vai te explicar *direitinho* [risos]. Porquê que eu deixo ela fazer futebol, não deixo judô? Quer dizer, não deixo... Se ela quiser mesmo, ela vai pegar e vai ir: “Ta, filha, então tu vai”. Mas eu fico botando os contra pontos: “Ah, não! Mas aí tu vai te pisar”. Olha, e realmente eu digo: “tu é muito dengosa para praticar judô”. Porque tem as quedas. Eu digo, já com o futebol ela já vem ‘ai,ai ui,ui’, qualquer coisa: “Ah, vamos na traumatologia”. Eu digo: “Não, se tu for fazer judô, tu vai ter que te aguentar! Eu não vou estar escutando teus choros”. Mas no fundo é aquele bloqueio, eu reconheço isso.

J.P. – Essa questão assim: “Léa Linhares, primeira faixa preta de judô do Rio Grande do Sul”. No entanto não aparece nos registros da Federação Gaúcha de Judô. Então na história oficial, Léa Linhares...

L.L. – Não existe.

J.P. – Não é a primeira faixa preta de judô. E aí fica para uma outra moça que é a Iara Cunha, que foi a primeira que se registrou na Federação.

L.L. – Nem sabia.

J.P. – Essa questão não mexe um pouco contigo, o fato de tu saber que de fato tu foi a primeira?

L.L. – Não.

J.P. – Tu não gostaria de ser reconhecida, que a Federação de repente... Eu não sei como é que funciona, mas eu acredito que deveria ser, os faixas pretas da Federação de Pugilismo deveriam imediatamente ser reconhecidos pela Federação de Judô.

L.L. – Tu me reconhece como faixa preta?

J.P. – Sim. Claro!

L.L. – Isso aí me basta. Quem me conheceu, quem sabe da história... Isso aí sempre me bastou. Eu não... Isso nunca mexeu comigo. Eu acho até legal que já tenham reconhecido. Como eu te disse, nem sabia que tinha, quem era a primeira faixa preta registrada. Mas é como aquele assim, eu sou a faixa preta moral. Quem me conheceu na época ou tu que é mais jovem me reconhece, para mim me basta. A minha família, os meus sobrinhos, tem o maior orgulho de dizer: “Pô, foi a primeira faixa preta”. Gente que eu nunca vi dizer: “Ah, tu foi a primeira...”, “É, fui”. Às vezes fico até envergonhada. “É fui”. Fico envergonhada mesmo. Às vezes me apresentam: “Bah, essa aqui foi a primeira faixa preta, foi a primeira judoca...”, não sei o que. Às vezes até de mais. Eu fico... Não, porque até não estou acostumada com isso. Mas é como quem diz: “Tu me reconhece? Tu sabe da minha história? Tu já ouviu falar em mim?”. Várias vezes, tu diz assim: “Ah, eu já te conheço de nome a muitos e muitos anos”. Isso aí me basta, nunca esquentei cabeça assim por ser... Eu sei que eu fui, eu sei. Então, me basta.

J.P. – Não consegue te imaginar hoje, botando um quimono, entrando em cima do tatame?

L.L. – Já tive essa curiosidade. Já tive assim... No fundo, no fundo, já tive, até vou, eu disse: “vou experimentar, voltar”. Mas aí depois passa, não... Eu vejo assim, a idade pesa também. Eu digo, eu acho assim, dói aqui, dói ali [riso].

J.P. – Bom, a pegada que tu fez ali para fazer o harai goshi, para quem conhece, se vacilar joga, não é? [riso].

L.L. – É, mas isso é como eu sei, todo mundo diz assim: “ah, mas tu ainda lembra? Tu sabe?”. Eu digo, acho que é que nem dirigir, uma vez aprendido tu não esquece, vai, é tu praticar, tu ter aquela agilidade de voltar. Claro que eu não vou ter aquela agilidade de trinta anos atrás. Mas, é como eu te disse, perguntar nome, já mudou muita coisa assim em termos. Eu me lembro que, como eu não podia competir, me tornei, fui juiz de muitas lutas nos vários campeonatos e então esses nomes eu não me lembro. Me lembro ashi barai, soto gari, os mais comuns, mas de nomes assim não. Mas a prática em si é que nem dirigir, pega, faz a mudança, vai ali, troca, pega no pedal. É como tu diz, a pegada ali, isso aí fica, fica a técnica. Então acho que é só uma questão de prática.

K.D. – Lembra como é que era a rotina de treinamento?

L.L. – A rotina de treinamento, chegava botava o quimono, aquecia, fazia um aquecimento, uma ginasticazinha antes e depois, pegava as projeções essas que... Primeiro a que tu mais gostava, aquela que depois tu estava precisando aperfeiçoar, que não estava bem e depois tinha as pegadas, praticava um pouquinho de luta com algum colega. Essa era a rotina.

K.D. – A parte física, não tinha um treinamento especificamente físico separado do treinamento?

L.L. – Não. Era antes mais um aquecimento, tu não entrar fria não, distensões, essas coisas. O aquecimento seria mais assim um, os alongamentos que hoje é dividido, aqueceu. Imagina na própria ginástica, fazia um alongamento e depois entrava no combate propriamente dito.

K.D. – Hoje é comum ver atletas de competição no judô fazerem musculação?

L.L. – Não. Não tinha assim específico, era tudo separado, não tinha. Mas eu me lembro, a gente tinha os halterizinhos até, de vez em quando fazia um reforço, mas sem uma orientação específica de um professor. Hoje não, hoje já tem, tudo separadinho, tudo, uma complementação. Mas não tinha... Era só o aquecimento, tu fazia, entrava, te vestia, entrava no tatame, todo mundo se aquecia e depois já entrava nos exercícios mesmos, próprios de judô.

K.D. – Certo. Júlio tu tens mais alguma coisa?

J.P. – Tu acredita que a tua história poderia contribuir em alguma coisa para os praticantes, as meninas que praticam judô hoje, o judô feminino?

L.L. – Eu acho que toda a história tem o seu porque. Mas como eu nunca pensei ser, nesse pensamento, a precursora, fui, não foi... Não é reconhecido. Eu até nunca pensei que eu levasse alguma coisa a alguém, significasse assim, em muito, porque até nem sei

se hoje as atletas procuram saber o passado, a história do judô, como é praticado hoje o judô, com que tipo de mentalidade tem hoje. Não sei se de repente pode trazer pra alguém alguma coisa. Nem sei se elas ouviram falar em Léa Linhares [riso].

J.P. – Não, só quem se interessa pela história que...

L.L. – É, eu acho que não, acho que elas não conhecem.

J.P. – Ainda não. Mas pode ter certeza que vão.

L.L. – Eu acho que não. Pois é por isso que eu acho que não, para elas a minha história não vai contribuir em mais alguma coisa, porque quem está no esporte... Se tu diz que não conhece é porque só está pelo esporte mesmo, não pela história.

J.P. – É que não são todas. Tem algumas praticantes que se preocupam um pouco com essas questões. Bom, tu gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

L.L. – Não, eu acho que falei o que é. [riso] Então, vamos lá.

K.D. – Eu dei uma olhadinha por cima, nos recortes de jornais. Como é que era o apoio da mídia no esporte?

L.L. – Era bom. Era bom...

J.P. – Acho que tá...

L.L. – Era bom, me dava... A gente escrevia, dava bastante apoio.

K.D. – Para o esporte feminino? Para o judô mesmo?

L.L. – Para o judô em si.

[FINAL A FITA 22/01-B]

L.L. – Como?

J.P. – Sobre os campeonatos da época, tu estava comentando...

L.L. – Campeonato Citadino, Estadual e Brasileiro. Era o que tinha, que participavam. Dividido por categorias, por idade e categoria. Hoje também eu vejo que tem Sênior, tem não sei o quê que é Master, que é para os um pouquinho mais velhos. Então não tinha, chegava uma determinada idade já não competia mais. E eu até tenho um troféu ali de técnica, tenho, não sei se tem aí a foto. Tinha um menino que se destacou, esse aqui foi campeão brasileiro, meu aluno.

J.P. – Como era o nome dele?

L.L. – Foi Luiz Henrique Moreira.

J.P. – *Tá brincando!* [riso]

L.L. – É.

J.P. – Luiz Henrique Vilalba Moreira.

L.L. – Isto. Conhece ele?

J.P. – Foi *várias* vezes campeão gaúcho, um dos fenômenos aqui do Estado.

L.L. – Meu aluno. Eu que criei ele. Ele começou aqui³¹, pequenininho comigo. Olha aqui 73. O pai dele³² que me arranhou emprego e eu saí do judô. Aí eu comecei na Maisonav³³, como eu já estava, essa coisa assim. Ah, esse aí é importante, é o mais importante: Câmara de Vereadores. Na época...

³¹ Refere-se a uma foto que Léa Linhares mostrou aos entrevistadores.

³² O pai dele chama-se Emir Vilalba Moreira (mas é preciso conferir este nome) e foi um dos [cartolas] dirigentes mais atuantes no judô gaúcho nas décadas de 70 e 80. Hoje eles residem no estado do Paraná.

K.D. – “Homenagem da Câmara Municipal de Vereadores à primeira judoca Faixa-Preta, Léa Linhares” [trecho lido no documento].

L.L. – Então é isso que me basta, como eu digo para vocês. Na época, eu fui reconhecida [riso]. Isso foi festa e festa, quando eu tirei a faixa preta [riso]. Por isso que eu digo, foi formatura mesmo, foi minha colação de grau.

K.D. – Voltando a questão da mídia, é um fato interessante que nas fotos dos jornais, em muitas tu aparece de saia, com roupas... Isso era...

L.L. – Proposital.

K.D. – Por ti mesmo?

L.L. – Não, por eles. Para mostrar, para marketing, para mostrar que eu era mulher, feminina, que eu era normal.

K.D. – Os jornalistas te pediam isso?

L.L. – Não, até por questão de ocasião, às vezes, muita ocasião. Tal hora tem... Eu tenho até o uniforme de colégio ali, meu vestido, quando eu estou sentada, uniforme do colégio. Saía do colégio e ia para entrevista. Tem muita coisa assim, que eu estou vestida, porque é uma simulação de - isso aqui é uniforme do colégio [mostra fotografia] - simulação que eu estou saindo do colégio, de que eu sou atacada, defesa pessoal, que a moça com o judô. Aqui eu já, se eu não me engano, já era faixa preta.

K.D. – Se buscava esse vínculo da imagem do judô com a defesa pessoal para moça?

L.L. – Sim, sim. A finalidade era a defesa pessoal. Era mais a defesa como defesa pessoal. O enfoque o judô era dado como defesa pessoal.

K.D. – Mas nessas reportagens se aconselhava que as moças fizessem judô?

³³ Nome sujeito à confirmação.

L.L. – Como defesa pessoal. Aconselhava mais assim, até para chamar, para dizer que podia porque aquilo assim, porque que eu vou praticar judô, se eu não tenho uma perspectiva? Não tenho... O homem ainda tinha campeonato. Como defesa pessoal, não. Tu vai, pratica e tu te defende. Entende? Então o enfoque era esse.

K.D. – Se passa a idéia da menina, moça...

L.L. – Menina, moça indefesa quando atacada, ter a sua...

K.D. – Para os marmanjos... Nas fotos...

L.L. – É, aqui era um campeonato lá no São João. Aqui foi quando eu fui a Alegrete³⁴, Narciso. Aqui eu dei aula para militar, para os soldadinhos lá.

K.D. – Como é que eles te aceitavam?

L.L. – Como uma rainha. Eu me sentia no auge, era tratada como... Almoçando com o comandante. Aqui é o comandante, esse aqui [mostra fotografia]. Me tratava assim como...

K.D. – Lembra o ano?

L.L. – Isso foi em setenta, não sei se é...

J.P. – Sim, aqui tens...

L.L. – Alguma coisa de...

K.D. – Mas...

J.P. – Alegrete?

L.L. – Alegrete. Setenta...

³⁴ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

J.P. – Setembro de setenta.

K.D. – Eles não ficavam constrangidos de ter uma professora mulher?

L.L. – Não. Bah! Ficaram todos orgulhosos. Esse aqui é o professor Loanzi, o “bam bam bam” da época, mandava e desmandava, lá. Tu conheceu, então, o Luis Henrique?

J.P. – Muito. [riso]

L.L. – Ele começou com cinco anos comigo. Aqui ele já estava...

J.P. – Olha, ele foi uns dos atletas da história do judô recente. Dos mais...

L.L. – Sim, porque foi uns dos primeiros...

J.P. – Dos mais destacados.

L.L. - Campeão brasileiro.

J.P. – Ele mora no Paraná³⁵, hoje. Pai dele. Toda a família se transferiu pra lá.

L.L. – Viu mãe, o Emir está no Paraná.

Mãe de Léa – Ah, é?

L.L. – Esses dias estava perguntando...

Mãe de Léa – Morando lá?

J.P. – Está.

L.L.- Está. Toda a família.

³⁵ Estado Brasileiro

Mãe de Léa – Ah, foi tudo lá.

L.L. – Que parte? Tu sabe que parte do Paraná?

J.P. – Não sei. Mas é fácil entrar em contato com eles.

L.L. – Eu tenho uma cunhada que mora em Curitiba³⁶.

J.P. – O irmão dele também veio a praticar, o Emir.

L.L. – O menor. Olhando as fotos aí, o que já tem de gente falecida.

J.P. – Ele já jogava seoi nage³⁷?

L.L. – Já.

J.P. – Nessa época? [riso]

L.L. – Já. Pois foi uma das coisas que eu ensinei ele. Bah, me lembro dele pequeninho...
Aqui, muita gente morta.

K.D. – Bom, podemos encerrar a...

J.P. – Então, tá.

K.D. – Não mais perguntas? Por enquanto. A gente gostaria de dizer que ficaria muito feliz se, numa outra ocasião, pudéssemos contar contigo novamente.

L.L. – Não, é claro.

J.P. – Tá certo. Muito obrigado.

³⁶ Capital do Estado do Paraná

³⁷ Nome sujeito a confirmação

L.L. – Eu que agradeço pela lembrança.

[FINAL DO DEPOIMENTO]